

1. A Importância da Agricultura no concelho de Vale de Cambra

1.1. População Agrícola

Assumindo que o produtor individual representa uma família calculou-se a percentagem de famílias agrícolas face ao total de famílias. (Quadro 1)

Este valor, para Vale de Cambra, é de 16.2%, superior ao do EDV (6.1%) e também ao do Continente (10.7%).

Quadro n.º 1 - Importância da Agricultura no Concelho

	Nº de Famílias Agrícolas (1)	Nº Total de Famílias (2)	(1)/(2)
Vale de Cambra	1337	8245	16,2%
Entre-Douro e Vouga	5047	83413	6,1%
Continente	375938	3505292	10,7%

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação*, 2001

Comparando este com o valor respectivo em 1979, verifica-se que em 20 anos passamos de 53.5% de famílias agrícolas em 1979 para 16.2% em 1999.

1.2. A Importância da Área Agrícola

Verifica-se que 32.0% da superfície do concelho é ocupada por explorações agrícolas ou florestais. A percentagem de Superfície Agrícola Útil (SAU) é de 11% face à superfície total do concelho e de 34.3% face à superfície total das explorações. A superfície florestal corresponde a 20.1% da superfície total, valor significativo face ao EDV e Continente onde este valor percentual é de 13.8% e 11.2%, respectivamente.

Quadro n.º 2 - Importância da Área Agrícola (hectares)

	Superfície Total (1)	Superfície Total das Explorações (2)	Superfície Agrícola Utilizada (3)	Superfície Florestal (4)	(2)/(1)	(3)/(1)	(3)/(2)	(4)/(1)
Vale de Cambra	14600	4673	1605	2941	32,0%	11,0%	34,3%	20,1%
Entre-Douro e Vouga	86000	21754	9297	11904	25,3%	10,8%	42,7%	13,8%
Continente	8903700	5039582	3736165	997484	56,6%	42,0%	74,1%	11,2%

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

A área agrícola não diminuiu de importância de 1979 para 1999. As explorações agrícolas ocupavam, em 1979, cerca de 1/3 da área do concelho, correspondendo este valor, actualmente, a 32% da área total.

1.3. Dimensão Económica das Explorações

A análise relativamente à dimensão das explorações baseia-se na definição das classes de dimensão económica introduzidas no Recenseamento Geral da Agricultura de 1999.¹

Quadro n.º 3 - Explorações Segundo a Dimensão Económica (UDE)

	Vale de Cambra		Entre-Douro e Vouga ^e		Continente	
	Total	%	Total	%	Total	%
>0 a < 2	597	44,2	2225	43,7	187590	49,2
2 a < 4	555	41,1	1802	35,4	87647	23,0
4 a < 8	165	12,2	622	12,2	51590	13,5
8 a < 16	27	2,0	222	4,4	27210	7,1
16 a < 40	6	0,4	169	3,3	17609	4,6
40 a < 100	0	0,0	48	0,9	6725	1,8
>= a 100	0	0,0	7	0,1	2647	0,7
Total	1350	100,0	5095	100,0	381018	100,0

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Nas classes de dimensão económica não estão incluídas as explorações cuja dimensão é zero

No concelho, 85.3% das explorações têm dimensão económica inferior a 4 UDE. Apenas seis explorações têm dimensão económica entre 16 e 40 UDE.

¹ Segundo o RGA de 1999, Dimensão Económica da Exploração é a soma das Margens Brutas Padrão (MBP) das produções da exploração (culturas agrícolas e efectivo animal). Exprime-se em Unidades de Dimensão Económica (UDE), cujo valor é de 1 200 ECU.

No Entre-Douro e Vouga 79.1% das explorações têm dimensão económica inferior a 4 UDE, assumindo 3.3% do total as explorações com dimensão económica entre 16 e 40 UDE.

Saliente-se que, no Continente, 49.2% das explorações têm dimensão económica até 2 UDE, tendo 72.2% dimensão económica inferior a 4 UDE.

Quer no concelho, quer nas unidades geográficas de comparação a dimensão económica das explorações agrícolas é muito baixa. Em Vale de Cambra esta pequena dimensão económica é mais expressiva.

2. Estrutura da Força de Trabalho

A composição da mão-de-obra agrícola foi analisada segundo três componentes: o produtor, agregado familiar e assalariados.

Quadro n.º 4 - Estrutura da Força de Trabalho

	Composição da Mão-de-obra						Relação Família / Produtor	Tempo de trabalho na Exploração (membros da família)			
	Produtor		Agreg.Familiar*		Assalariados			Tempo parcial		Tempo Completo	
V. Cambra	1337	24,5%	4094	75,0%	31	0,6%	3,06	2580	63,0%	1514	37,0%
EDV	5047	23,1%	16551	75,8%	240	1,1%	3,28	11713	70,8%	4838	29,2%
Continente	375938	37,5%	569816	56,8%	56726	5,7%	1,52	531117	93,2%	38699	6,8%

Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 1999

* que trabalha na exploração

No concelho de Vale de Cambra é o agregado familiar que tem mais peso na composição da mão-de-obra (75%), o mesmo acontecendo no EDV (75.8%) e no Continente apesar de, neste caso, a sua importância relativa ser menor (56.8%).

O contributo do produtor individual para a mão-de-obra da exploração tem uma importância menor do que no Continente (24.5% e 37.5%, respectivamente), acompanhando o concelho o valor do EDV (23.1%).

O trabalho assalariado tem uma representatividade muito baixa no concelho (0.6%), praticamente a mesma que no EDV (1.1%) e abaixo da do Continente

(5.7%). Refira-se que 99.5% do trabalho na exploração é realizado pelo produtor e agregado doméstico.

A família tem um papel importante no total do trabalho agrícola. Calculada a relação família/produtor verifica-se uma grande dependência da família em relação ao produtor (3.06 em Vale de Cambra e 3.28 no EDV), bastante inferior à do país (1.52). Esta situação, face a 1979, é ainda mais significativa. Porém, se há 20 anos 41.2% do agregado familiar trabalhava a tempo inteiro a exploração, actualmente o valor correspondente é de 37.0%.

Assim, o agregado familiar contribui para o trabalho na exploração mas, maioritariamente, a tempo parcial no concelho (63%) e EDV, verificando-se esta situação com 93.2% dos familiares do produtor no Continente. Saliente-se que, análise efectuada em 1990, com os dados do RAC de 1979 revelaram uma importância da mão-de-obra familiar a tempo completo no país de 22.7%.

As percentagens de trabalhadores que dedicam menos de 100% de trabalho à exploração apontam para o desempenho de outras actividades por parte dos membros da família agrícola numa situação de pluriactividade, no concelho e EDV, embora não tão acentuada como a nível nacional.

A análise da mão-de-obra agrícola traduzirá de forma mais expressiva estas primeiras constatações.

3. O Produtor Individual

O produtor individual é, de acordo com o Recenseamento Geral da Agricultura, o responsável jurídico e económico da exploração, isto é, a pessoa física ou moral por conta e em nome da qual a exploração produz, que retira os benefícios e suporta as perdas eventuais. É o produtor que toma as decisões de fundo, como sejam, as referentes ao sistema de produção, aos investimentos e aos empréstimos.

Em Vale de Cambra 64.7% dos produtores trabalham as suas explorações a tempo completo, verificando-se que 52.2% dos produtores do EDV o fazem enquanto, a nível nacional, apenas 16.9% dos produtores se dedica a tempo inteiro à sua exploração agrícola.

Quadro n.º 5 - Tempo de Actividade na Exploração do Produtor Individual

Tempo de Actividade	Vale de Cambra		Entre-Douro e Vouga		Continente	
	V.Abs.	%	V. Abs.	%	Total	%
Tempo parcial	472	35,3	2413	47,8	312450	83,1
>0<25%	109	23,1	581	24,1	104609	33,5
25-50%	208	44,1	624	25,9	78345	25,1
50-75%	58	12,3	302	12,5	52045	16,7
75-100%	97	20,6	906	37,5	77451	24,8
Tempo completo	865	64,7	2634	52,2	63488	16,9
Produtores Individuais	1337	100,0	5047	100,0	375938	100,0

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

No concelho 36.4% dos produtores que trabalham a exploração a tempo completo são mulheres. Por outro lado, das mulheres produtoras que trabalham na exploração 78.9% fazem-no a tempo completo, ou seja, apenas 21.1% trabalham a exploração a tempo parcial, enquanto que no caso dos produtores individuais homens este valor percentual é de 41.4%.

Mais de 83% dos produtores no Continente trabalham as explorações a tempo parcial.

Saliente-se que, em 1979, o concelho tinha 3447 produtores individuais, enquanto actualmente tem 1337, o que representa uma diminuição de 60%.

Do total de produtores do concelho apenas 23% têm outras actividades remuneradas, o que significa que há 12.3% dos produtores que apesar de trabalharem a exploração não têm qualquer outra actividade. Dos que têm Outras Actividades Remuneradas, 97.7% têm a agricultura como actividade secundária e 62.8% destes trabalham no sector secundário. No EDV é, também, o sector secundário aquele com maior expressão de agricultores com outras actividades remuneradas, enquanto no Continente o sector terciário

emprega 47.5% destes produtores. No caso dos produtores cuja outra actividade remunerada é secundária o sector primário assume grande representatividade, principalmente no Continente (emprega 53.1% destes), apresentando importância maior o sector primário.

Quadro n.º 6 - Outras Actividades Remuneradas do Produtor Individual

Unidades Geográficas		Principal				Secundária				Prod. c/ OAR/Total Produtores
		primário	secundário	terciário	Total	primário	secundário	terciário	Total	
Vale de Cambra	V. Abs.	10	189	102	301	3	0	4	7	23,0
	%	3,3	62,8	33,9	97,7	42,9	0,0	57,1	2,3	
Entre-Douro e Vouga	V. Abs.	98	508	338	944	14	12	12	38	19,5
	%	10,4	53,8	35,8	96,1	36,8	31,6	31,6	3,9	
Continente	V. Abs.	16064	38483	49424	103971	3850	1290	2110	7250	29,6
	%	15,5	37,0	47,5	93,5	53,1	17,8	29,1	6,5	

Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 1999

Gráfico

Dos produtores que desempenham outra actividade remunerada no concelho de Vale de Cambra, 75.3% são trabalhadores por conta de outrem, trabalhando por conta própria ou sendo patrão/empregador, 24.6%. No EDV trabalham por conta de outrem 67% e no Continente 64.9%.

Quadro n.º 7 - Situação do Produtor na Profissão Exterior à Exploração

	Vale de Cambra		Entre-Douro e Vouga		Continente	
	V. Abs.	%	V. Abs.	%	V. Abs.	%
Patrão/Empregador	34	11,0	137	14,0	15128	13,6
Trabalhador por Conta Própria	42	13,6	175	17,8	22175	19,9
Trabalhador por Conta de Outrem	232	75,3	658	67,0	72137	64,9
Trabalhador Familiar Remunerado	0	0,0	3	0,3	218	0,2
Outra Situação	0	0,0	9	0,9	1563	1,4
Total	308	100,0	982	100,0	111221	100,0

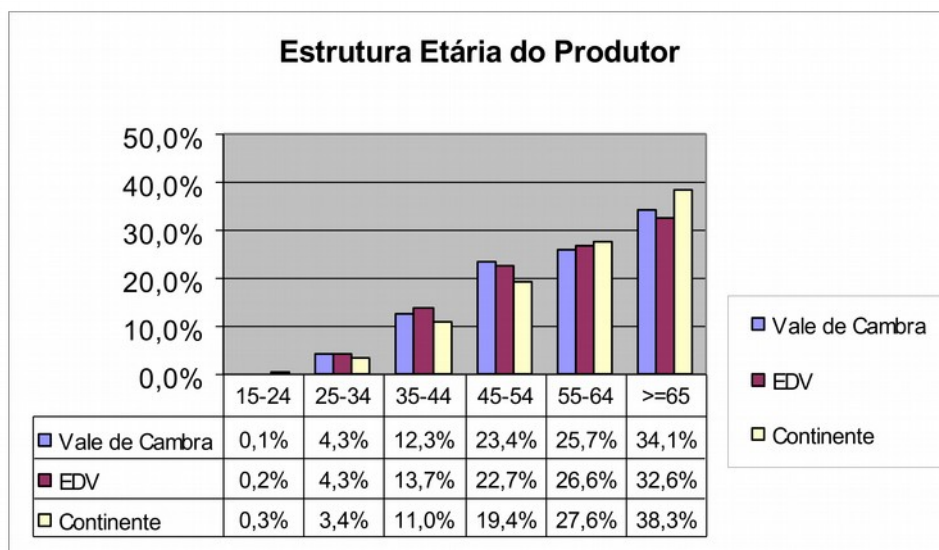
Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 1999

3.1 – Estrutura Etária do Produtor Individual

Cerca de 60% dos produtores do concelho têm mais de 55 anos e 34.1% têm mais de 65 anos. Esta situação é, também, observada no Entre-Douro e Vouga e no Continente, onde 38.3% dos produtores têm mais de 65 anos. Há um claro envelhecimento do produtor individual observando-se que em Vale de Cambra,

no EDV e no Continente os produtores com menos de 35 anos representam menos de 5% do total.

Gráfico n.º 1 – Estrutura Etária do Produtor Individual



Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 1999

Uma análise mais fina da estrutura etária do produtor, segundo a Dimensão Económica das explorações, no concelho, revela que os produtores mais idosos se concentram em explorações de dimensão económica menor. Porém, a dimensão económica das explorações no concelho é maioritariamente entre 0 e 4 UDE. As maiores explorações pertencem a produtores com mais de 25 anos e menos de 55 anos.

Quadro n.º 8 – Idade do Produtor Individual e Dimensão Económica das Explorações

Dimensão Económica das Explorações	Classes de Idade						total
	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	>=65	
>0 a < 2	2 100,0%	25 43,9%	61 37,0%	128 40,9%	149 43,3%	228 50,0%	593 44,4%
2 a < 4	0 0,0%	22 38,6%	78 47,3%	128 40,9%	139 40,4%	185 40,6%	552 41,3%
4 a < 8	0 0,0%	8 14,0%	16 9,7%	46 14,7%	50 14,5%	43 9,4%	163 12,2%
8 a < 16	0 0,0%	1 1,8%	8 4,8%	9 2,9%	600,0% 1,7%	2 0,4%	26 1,9%
16 a < 40	0 0,0%	1 1,8%	2 1,2%	2 0,6%	0 0,0%	0 0,0%	5 0,4%
40 a < 100	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
>= a 100	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
Total	2 0,1%	57 4,3%	165 12,3%	313 23,4%	344 25,7%	456 34,1%	1337 100,0%

Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 1999

3.2 - Nível de Instrução dos Produtores Individuais

Procedendo à análise do nível de instrução do produtor individual verifica-se a quase ausência de produtores no concelho com formação superior agrícola. A grande maioria dos produtores no concelho (62.1%) tem como habilitações literárias o 1º ciclo do ensino básico, havendo 4.4% que não possuindo qualquer nível de ensino sabem ler e escrever. No concelho há 8.8% de produtores agrícolas analfabetos, percentagem inferior à média do EDV e abaixo do verificado no Continente. Quanto aos outros níveis de instrução a situação é idêntica em Vale de Cambra e nas unidades geográficas de comparação, embora o valor nacional revele uma maior qualificação dos produtores, ainda que ligeira (2.6% com formação superior; no concelho 1.5%).

A situação desagravou-se face a 1979 mas ainda está longe de poder considerar-se positiva. Nessa altura, no concelho, 71.8% dos produtores tinham o 1º ciclo e 24.5% não sabiam ler nem escrever.

Quadro n.º 9 – Nível de Instrução do Produtor Individual

Nível de Instrução do Produtor Singular	Vale de Cambra		Entre-Douro e Vouga		Continente	
	Total	%	Total	%	V.Abs.	%
Não sabe ler nem escrever	117	8,8	579	11,5	60608	16,1
Sabe ler e escrever	259	19,4	980	19,4	68752	18,3
1º ciclo	830	62,1	2970	58,8	191870	51,0
2º ciclo	84	6,3	343	6,8	24214	6,4
3º ciclo	19	1,4	70	1,4	12390	3,3
Secundário Agrícola	0	0,0	3	0,1	889	0,2
Secundário não Agrícola	8	0,6	38	0,8	7341	2,0
Politécnico/Sup. Agrícola	1	0,1	5	0,1	1878	0,5
Politécnico/Sup. Não Agrícola	19	1,4	59	1,2	7996	2,1
Produtores Singulares	1337	100,0	5047	100,0	375938	100,0

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

4 - O Agregado Familiar

4.1 – Tempo de Actividade na Exploração

Consideramos, agora, o agregado familiar excluindo o produtor.

Quadro n.º 10 – Tempo de Actividade Agrícola da População Familiar

	Vale de Cambra		Entre-Douro e Vouga		Continente	
	HM		HM		HM	
	Total	%	Total	%	Total	%
Sem Actividade	590	12,6	1835	10,0	177664	23,8
Tempo parcial	2580	55,1	11713	63,7	531117	71,1
>0<25%	1272	49,3	6722	57,4	318025	59,9
25-50%	634	24,6	2098	17,9	98984	18,6
50-75%	166	6,4	766	6,5	53731	10,1
75-100%	508	19,7	2127	18,2	60377	11,4
Tempo completo	1514	32,3	4838	26,3	38699	5,2
População Familiar	4684	100,0	18386	100,0	747480	100,0

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

A população familiar (agregado familiar do produtor) representa, em Vale de Cambra, como já observado, 75% da mão-de-obra. Da população familiar do produtor 12.6% não desempenha qualquer actividade na exploração, 55.1% fá-lo a tempo parcial e 32.3% a tempo completo. Este valor não teve alteração significativa relativamente a 1979, quando correspondia a 39.4% da mão-de-obra familiar total.

Da mão-de-obra familiar que trabalha na exploração a tempo parcial 49.3% ocupa menos de 25% do seu tempo na exploração. Este valor percentual sobe no EDV (57.4%) e ainda mais no Continente (59.9%). Saliente-se que, a nível nacional, apenas 5.2% dos membros da família trabalham a exploração a tempo completo.

Quadro n.º 11 - Outras Actividades Remuneradas da População Familiar

Unidades Geográficas		Principal				Secundária				M.O.F. c/ OAR/Total M.O.F.
		primário	secundário	terciário	Total	primário	secundário	terciário	Total	
Vale de Cambra	V. Abs.	26	840	394	1260	5	3	4	12	31,1
	%	2,1	66,7	31,3	99,1	41,7	25,0	33,3	0,9	
Entre-Douro e Vouga	V. Abs.	329	3552	1698	5579	26	28	15	69	34,1
	%	5,9	63,7	30,4	98,8	37,7	40,6	21,7	1,2	
Continente	V. Abs.	17814	90370	105677	213861	2177	750	1300	4227	38,3
	%	8,3	42,3	49,4	98,1	51,5	17,7	30,8	1,9	

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

No concelho de Vale de Cambra 31.1% da mão-de-obra familiar que trabalha a exploração tem outra actividade remunerada. Esta actividade é a principal em 99.1% dos casos. Idêntica situação se verifica no Entre-Douro e Vouga e Continente onde, respectivamente, 34.1% e 38.3% da mão-de-obra familiar que desempenha actividade na exploração tem outra actividade remunerada, sendo esta última a principal em 98.8% no EDV e 98.1 das situações no Continente.

Quanto ao sector empregador da mão-de-obra familiar verifica-se que em Vale de Cambra e no Agrupamento a que pertence domina o sector secundário (66.7% e 63.7%, respectivamente) ao que está associada a dominância da indústria transformadora. O sector terciário apresenta também peso relativo considerável como sector empregador nestas duas unidades, assumindo no Continente maior importância que os outros sectores de actividade económica.

Nas situações (muito poucas) em que a actividade agrícola é a principal para os membros da família do produtor o sector primário aparece como o maior empregador em Vale de Cambra e de uma forma mais expressiva no Continente. No EDV continua a ser o sector secundário aquele que concentra mais activos da família dos produtores individuais

Confrontando os dois quadros acima constata-se que em Vale de Cambra 49.3% da mão-de-obra familiar ocupa menos de 25% na exploração agrícola, mas apenas 31.1% desempenha outra actividade, o que nos sugere que cerca de 18% da mão-de-obra ocupa até 25% do seu tempo. Nalguns casos tratar-se-á de população em idade escolar. Isto sugere-nos, ainda, situações de sub-emprego.

4.2 - Nível de Instrução da População Familiar

Uma análise do nível de instrução da população familiar revela que 37.3% desta tem como habilitações o 1º ciclo. Verifica-se que 15.8% da população familiar não sabe ler nem escrever, valor percentual superior ao relativo aos produtores individuais, sendo 69.4% mulheres. No entanto, há já 2.8% de elementos da família com curso superior não agrícola e 5.0% com secundário não agrícola. Estes valores acompanham o EDV e estão ligeiramente abaixo da média nacional.

Quadro n.º 12 – Nível de Instrução da População Familiar

Nível de Instrução da População Familiar	Vale de Cambra						Entre-Douro e Vouga						Continente					
	H		M		HM		H		M		HM		H		M		HM	
	V. Abs.	%	V. Abs.	%	Total	%	V. Abs.	%	V. Abs.	%	Total	%	V. Abs.	%	V. Abs.	%	V. Abs.	%
Não sabe ler nem escrever	226	30,5	514	69,5	740	15,8	997	35,6	1805	64,4	2802	15,2	36159	28,0	92884	72,0	129043	17,3
Sabe ler e escrever	297	41,6	417	58,4	714	15,2	1095	39,6	1673	60,4	2768	15,1	26549	24,0	84132	76,0	110681	14,8
1º ciclo	987	56,6	758	43,4	1745	37,3	3852	55,0	3150	45,0	7002	38,1	71092	33,1	143485	66,9	214577	28,7
2º ciclo	408	53,3	357	46,7	765	16,3	1829	54,4	1534	45,6	3363	18,3	64702	53,7	55731	46,3	120433	16,1
3º ciclo	230	66,5	116	33,5	346	7,4	703	60,4	460	39,6	1163	6,3	41939	52,8	37450	47,2	79389	10,6
Secundário Agrícola	3	60,0	2	40,0	5	0,1	13	31,7	28	68,3	41	0,2	1849	53,5	1604	46,5	3453	0,5
Secundário não Agrícola	128	54,9	105	45,1	233	5,0	401	48,7	423	51,3	824	4,5	25730	44,6	31995	55,4	57725	7,7
Politécnico/Sup. Agrícola	3	75,0	1	25,0	4	0,1	10	62,5	6	37,5	16	0,1	1474	51,7	1376	48,3	2850	0,4
Politécnico/Sup. Não Agrícola	54	40,9	78	59,1	132	2,8	165	40,5	242	59,5	407	2,2	9463	32,3	19866	67,7	29329	3,9
População Familiar	2336	49,9	2348	50,1	4684	100,0	9065	49,3	9321	50,7	18386	100,0	278957	37,3	468523	62,7	747480	100,0

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Apesar da família agrícola se apresentar mais qualificada, o que tem a ver também com os elementos mais jovens, que já possuem a escolaridade

obrigatória, não há qualquer especialização agrícola quer ao nível do secundário, quer ao nível do politécnico/superior.

4.3 - Mão-de-obra feminina

Tentamos analisar a mão-de-obra feminina no concelho, quer quanto à sua importância relativamente à mão-de-obra total, quer relativamente à mão-de-obra familiar e à não familiar. No entanto, será de ter em atenção que muita da mão-de-obra feminina não é contabilizada pelo que os seus valores se apresentam por defeito.

A mulher desempenha, de facto, um papel muito importante no tempo dedicado à exploração agrícola. Em Vale de Cambra, 98.8% da mão-de-obra feminina pertence à família do produtor.

Quadro n.º 13 – Mão-de-obra Agrícola Feminina

	Mão-de-obra Agrícola Feminina					
	Total		Familiar		Não Familiar	
	V.Abs.	MOF/MOT*	Total	%	Total	%
Tempo parcial	1208	46,4	1193	50,8	15	75,0
>0<25%	539	42,2	534	44,8	5	33,3
25-50%	168	26,4	168	14,1	0	0,0
50-75%	87	50,0	81	15,2	6	40,0
75-100%	414	80,7	410	34,4	4	26,7
Tempo completo	836	54,9	831	35,4	5	25,0
Total	2368	50,2	2348	100,0	20	100,0

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

*Não inclui o produtor individual

A mão-de-obra feminina representa 50.2% da mão-de-obra total, o mesmo valor percentual observado há 20 anos. Desta, 54.9% trabalha na exploração a tempo completo e 46.4% a tempo parcial. Porém, dos elementos femininos que trabalham a tempo parcial a exploração 80.7% dedica entre 75 a 100% do seu tempo à exploração agrícola. Analisando o rácio mão-de-obra feminina a tempo inteiro/ mão-de-obra total a tempo inteiro verifica-se que 35.0% desta é feminina.

4.4 - Trabalhadores Permanentes

Os trabalhadores permanentes na exploração representam 0.6% do total da mão-de-obra. Destes, 29% ocupam-se na exploração agrícola a tempo completo. Os trabalhadores permanentes (assalariados) representam 50% do total de trabalhadores permanentes, incluindo os dirigentes assalariados e outros trabalhadores.

Quadro n.º 14 - Tempo de Actividade Agrícola dos Trabalhadores Permanentes

	Trab. Permanentes		Dirigentes Assalariados		Outros Trab. Permanentes		Trab. Permanentes / Total mão-de-obra*
	Total	%	Total	%	Total	%	
Tempo parcial	22	71,0	7	53,8	15	83,3	1,61
>0<25%	6	27,3	3	42,9	3	20,0	1,15
25-50%	3	13,6	2	28,6	1	6,7	0,82
50-75%	8	36,4	2	28,6	6	40,0	6,67
75-100%	5	22,7	0	0,0	5	33,3	1,94
Tempo completo	9	29,0	6	46,2	3	16,7	0,50
Total	31	100,0	13	100,0	18	100,0	1,02

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

*inclui os produtores agrícolas

A mão-de-obra assalariada não tem, assim, qualquer significado no concelho. Por um lado, verifica-se que a Dimensão Económica das Explorações é muito baixa e, por outro lado, há uma grande participação da família na exploração o que explica esta situação.

5 - Utilização das Terras

O número total de explorações agrícolas no concelho é de 1350, havendo duas que não têm qualquer superfície agrícola útil. Apesar de se observar um total de 4673 ha de explorações, apenas 1605 ha são de superfície agrícola utilizada (34.3%). 25.7% é ocupada com terra arável, na sua maior parte com culturas temporárias (96.2%), 5.6% tem culturas permanentes, 3.1% pastagens permanentes e 62.9% matas e florestas. Dominam, claramente, os terrenos ocupados por matas e florestas e, nas culturas, as temporárias.

Quadro n.º 15 - Utilização das Terras

	Explorações		Área	
	Número	%	Valor Abs.	%
Superfície Total	1350		4673	100,0
Superfície Agrícola Utilizada (S.A.U.)	1348	99,9	1605	34,3
Terra Arável	1317	97,6	1199	25,7
Terra Arável Limpa	1316		1196	
Culturas Temporárias	1305		1151	96,2
Pousio	37		12	1,0
Horta Familiar	1166		33	2,8
C.sob-coberto, matas e florestas	2		0	0,0
Culturas Temporárias	0		0	0,0
Pousio	2		0	0,0
Culturas Permanentes	1279	94,7	261	5,6
S/ Culturas sob coberto	984		174	66,7
C/ Culturas temporárias	510		70	26,8
C/ pousio	1		0	0,0
C/ horta familiar	130		3	1,1
C/ pastagens permanentes	161		12	4,6
Pastagens Permanentes	579	42,9	145	3,1
Em Terra limpa	578		141	97,2
Sob-coberto de matas e florestas	1		0	
Matas e Florestas s/ culturas sob-coberto	1174	87,0	2941	62,9
Superfície Agrícola não Utilizada	143	10,6	60	1,3
Outras Superfícies	1345	99,6	67	1,4

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

5.1 - Principais Culturas Permanentes

A análise das principais culturas permanentes no concelho revela a importância da vinha presente em 99.7% das explorações e ocupando 93.5% da área.

Quadro n.º 16 - Principais Culturas Permanentes

		Culturas Permanentes	Frutos Frescos	Citrinos	Frutos Sub-Tropicais	Frutos Secos	Olival	Vinha
Exploração	Total	1279	55	32	12	12	5	1275
	%		4,3	2,5	0,9	0,9	0,4	99,7
Área	Total	261	4	1	6	2	2	244
	%		1,5	0,4	2,3	0,8	0,8	93,5

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Quadro n.º 17 – Principais Culturas Permanentes em Vale de Cambra e nas Unidades Geográficas de Comparação

		Total		Frutos Frescos		Citrinos		Frutos sub-tropicais		Frutos Secos		Olival		Vinha		Viveiros		Vime		Outras Culturas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Vale de Cambra	Expl.	1279	100	55	4,3	32	2,5	12	0,9	12	0,9	5	0,4	1275	99,7	0	0,0	0	0,0	3	0,2
	Área	261	100	4	1,5	1	0,4	6	2,3	2	0,8	2	0,8	244	93,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Entre-Douro e Vouga	Expl.	4469	100	432	9,7	254	5,7	90	2,0	130	2,9	490	11,0	4375	97,9	1	0,0	0	0,0	0	0,0
	Área	961	100	49	5,1	64	6,7	18	1,9	26	2,7	86	8,9	706	73,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Continente	Expl.	320484	100	61477	19,2	37657	11,8	1781	0,6	49738	15,5	159029	49,6	232399	72,5	839	0,3	13	0,004	899	0,3
	Área	705252	100	52276	7,4	22337	3,2	1186	0,2	80227	11,4	335029	47,5	211828	30,0	1590	0,2	6	0,001	541	0,1

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

O concelho de Vale de Cambra está inserido na Região Demarcada dos Vinhos Verdes.

5.2 – Efectivo Animal

Quanto ao efectivo animal, dominam as aves e os bovinos com 2700 cabeças. Há, de facto, um grande número de explorações com aves (1533) e 2.7 cabeças de bovinos por exploração.

Quadro n.º 18– Efectivo Animal

	Bovinos	Suínos	Ovinos	Caprinos	Equídeos	Coelhas reprodutoras	Aves	Abelhas
Explorações	1001	766	220	276	9	321	1533	72
Efectivo	2700	1787	1674	1339	22	988	91153	451*

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

*inclui colmeias e cortiços; diz respeito ao número de colmeias e de cortiços

Quadro n.º 19– Cabeças de Bovinos

	Nº Total de Cabeças	Cabeças bovinos p/ expl. c/ bovinos	Cabeças bovinos p/ hect. Área agro-florestal
Vale de Cambra	2700	2,7	0,6
Entre-Douro e Vouga	24844	6,7	4,9
Continente	1172437	12,9	0,2

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Quadro n.º 20 – Bovinos de Leite

	Bovinos			
	c/ menos de 1 ano	de 1 a menos de 2 anos	de 2 anos e mais	
			Total	Vacas leiteiras
Explorações	435	141	851	662
Efectivo	717	234	1749	1291

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

6 - Mecanização Agrícola

Como índice de mecanização utilizamos o número de tractores no total da exploração e as explorações que utilizam tractor.

Quadro n.º 21 - Mecanização Agrícola

	Explorações que utilizam tractor		Número de Tractores	Nº Tractores no total das explorações
	Total	%		
Vale de Cambra	1265	93,7	472	0,3
Entre-Douro e Vouga	4722	92,7	2087	0,4
Continente	347832	91,3	165750	0,4

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Verifica-se que, apesar de poucas explorações, quer em Vale de Cambra, quer no EDV e no Continente possuírem tractor, a grande maioria das explorações (93.7% em Vale de Cambra) não possuindo tractor, utilizam-no através de aluguer ou de outra forma. Curiosamente embora Vale de Cambra tenha um índice (número de tractores no total das explorações) mais baixo que as unidades geográficas de comparação é, das três, aquela onde maior percentagem de explorações utilizam tractor.

7 – Práticas Agrícolas

No concelho de Vale de Cambra não há qualquer exploração que pratique agricultura biológica. No Entre-Douro e Vouga foi contabilizada uma exploração apenas mas sem superfície agrícola útil. A nível do Continente a agricultura biológica está representada em 0.2% das explorações e ocupa 3.2% da superfície agrícola útil.

Quadro n.º 22 - Práticas Agrícolas nas Explorações

		Agricultura Biológica		Protecção Integrada		Tratamento de Resíduos		Activ. lucrativas não agric.expl.	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Vale de Cambra	Expl.	0	0	2	0	988	73,2	1259	93,3
	S.A.U.	0	0	0	0	1232	76,8	1516	94,5
Entre Douro e Vouga	Expl.	1	0,02	0	0	2952	57,9	4200	82,4
	S.A.U.	0	0	0	0	5418	58,3	6989	75,2
Continente	Expl.	766	0,2	5680	1,5	20738	5,4	32721	8,6
	S.A.U.	118088	3,2	187770	5,0	324361	8,7	421713	11,3

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

Em Vale de Cambra, 73.2% das explorações efectuam tratamento de resíduos, valor percentual consideravelmente superior ao do EDV (57.9%). No Continente apenas 5.4% das explorações efectuam tratamento de resíduos.

No que se relaciona com a prática de actividades não agrícolas² na exploração verifica-se que no concelho 93.3% das explorações o efectuam, no EDV 82.4%, enquanto no Continente são apenas 8.6% as explorações agrícolas que o realizam.

8 - Financiamento

O recurso a subsídios foi sobretudo efectuado ao nível da polipequária/herbívoros, da policultura e dos bovinos de leite. Verifica-se que o maior recurso a subsídios tem a ver com a criação de gado e sua alimentação.

Quadro n.º 23- Explorações que recorreram a Subsídios segundo a S.A.U.

	Explorações		S.A.U.	
	Total	%	Total	%

² Actividades lucrativas não agrícolas da exploração são aquelas que não sendo agricultura estejam directamente relacionadas com a actividade agrícola e que utilizam os recursos da exploração. Por exemplo, turismo rural, artesanato, transformação de produtos agrícolas alimentares, transformação de madeira, aquacultura, produção de energias renováveis, aluguer de equipamento, helicicultura (caracóis), lombricultura (minhocas), columboflia e criação de espécies cinergéticas.

Horticultura	8	0,6	2	0,1
Viticultura	61	4,5	48	3,0
Bovinos de leite	209	15,5	235	14,6
Bovinos p/gado/carne	10	0,7	9	0,6
Bovinos p/leite/gado/carne	14	1,0	22	1,4
Ovinos/caprinos/outr.herbívoros	46	3,4	48	3,0
Granívoros	8	0,6	7	0,4
Culturas permanentes	8	0,6	10	0,6
Policultura	285	21,1	350	21,8
Polipecuária herbívoros	431	31,9	490	30,5
Agricultura geral e herbívoros	114	8,4	177	11,0
Cereais plantas olea/proteaginosas	2	0,1	0	0,0
Culturas diversas e gado	92	6,8	121	7,5
Fruticultura	6	0,4	10	0,6
Culturas agrícolas diversas	44	3,3	65	4,0

Fonte:INE, *Recenseamento Geral da Agricultura*, 1999

9 - O sub-sector florestal

9.1 – Caracterização

Vale de Cambra é um concelho com uma vasta extensão arbórea, o que propiciou, no início do século passado, o aparecimento de indústrias relacionadas com o aproveitamento dos seus recursos naturais, serrações e indústrias de tratamento de madeiras de pinho. Esta indústria, que no início era rudimentar, evoluiu tanto do ponto de vista tecnológico como em importância, assumindo hoje 13.6% do tecido industrial de Vale de Cambra, com uma empresa de grande dimensão, a Vicaima, de importância nacional e que emprega 690 trabalhadores.

De acordo com o Recenseamento Agrícola do Continente de 1999 há 1174 explorações com mata e florestas sem culturas sob coberto, representando 87% do total e 62.9% (2941 hectares) da área.

No sentido de efectuar uma caracterização da área florestal do concelho procedeu-se à elaboração da carta do Coberto Florestal (Carta 1). Nesta constam a identificação das áreas florestais e a sua caracterização relativamente à composição dos povoamentos (puros ou mistos). Esta

caracterização é legendada, surgindo a espécie dominante sempre em primeiro lugar.

Esta carta foi elaborada através da análise da fotografia aérea à escala 1:5000 (1998) e posterior trabalho de campo. A fotografia aérea foi utilizada para uma primeira delimitação da área florestal e dos respectivos povoamentos. No trabalho de campo foi efectuada a verificação de todos os povoamentos e a da sua composição.

Os resultados do coberto arbóreo do concelho figuram no quadro 24, no qual podemos constatar que os povoamentos puros de Pinheiro bravo são os que apresentam maior área seguido dos povoamentos mistos de Eucalipto e Pinheiro bravo. O Eucalipto é uma espécie em expansão no concelho, pois verificamos que existem algumas plantações recentes. Por outro lado, o Pinheiro bravo apresenta 417.28 ha de regeneração natural, não se encontrando novas plantações desta espécie.

Quadro n.º 24 - Composição e Área dos Povoamentos florestais

Povoamentos	Área (ha)	% de coberto
Regeneração de Pinheiro bravo	417,28	4,5
Puro de Pinheiro bravo	2896,51	31,5
Puro de Eucalipto	1122,21	12,2
Misto de Pinheiro bravo e Eucalipto	2126,34	23,1
Misto de Eucalipto e Pinheiro bravo	2298,97	25,0
Misto de Eucalipto, pinheiro bravo e Carvalho roble	74,62	0,81
Misto de Eucalipto, Pinheiro bravo e Sobreiro	23,89	0,26
Misto de Pinheiro bravo e Carvalho roble	103,97	1,1
Misto de Pinheiro bravo e Castanheiro	22,67	0,25
Misto de Pinheiro bravo e Sobreiro	5,6	0,06
Puro de Castanheiro	20,7	0,23
Misto de Castanheiro e Carvalho roble	8	0,09
Misto de Eucalipto e Sobreiro	6,16	0,07
Misto de Eucalipto e Castanheiro	10,45	0,11
Misto de Pinheiro bravo, Carvalho roble e Azevinho	53,1	0,58

Fonte: Levantamento da Equipa do PDM, 2003.

As folhosas existentes no concelho encontram-se distribuídas por povoamentos anexos à rede viária, sendo o Carvalho roble a espécie mais significativa.

Efectuada uma análise das espécies dominantes verifica-se que domina o pinheiro bravo em povoamento puro (36,1% da área) ou misto com eucalipto (48,2% da área florestada). O castanheiro é a única espécie para além daquelas que aparece em povoamento puro, embora represente apenas 2,0% da área com floresta.

Quadro n.º 25 - Espécies Florestais Dominantes

		Total	Pinheiro Bravo	Eucalipto	Pinheiro Bravo e Eucalipto	Castanheiro	Pov.Misto Predom. Eucalipto	Pov.Misto Predom. P.bravo	Pov.Misto Predom. Castanheiro
Área	Total	9190,47	3313,79	1122,21	4425,31	20,7	115,12	185,34	8
	%	100	36,1	12,2	48,2	0,2	1,3	2,0	0,1

Fonte: Tratamento da Equipa do PDM, 2003

Relativamente ao regime de propriedade, constatou-se, através de informação fornecida pela Sector de Administração Florestal do Baixo Douro (sedeada em Arouca) que 330 hectares de floresta (de pinheiro bravo) sob gestão do Estado, correspondendo a 11% da área florestal do concelho, pertencendo, a área restante, a proprietários particulares.

9.2 - Principais espécies florestais e sua breve caracterização

O concelho de Vale de Cambra é muito diverso podendo-se identificar uma grande variedade de espécies florestais. As espécies predominantes são o Pinheiro bravo, o Eucalipto e o Carvalho roble. Estas espécies estão distribuídas em povoamentos puros ou mistos; os mais frequentes são os de pinheiro bravo e eucalipto. Podem, ainda, encontrar-se folhosas como o Castanheiro e o Sobreiro.

No lugar de Folhense, na zona mais a sul do concelho, é possível identificar Azevinho espontâneo. Nas bermas das estradas nacionais há, com frequência, castanheiros e sobreiros. No Perímetro Florestal da Serra da Freita encontram-se muitos exemplares de *Chamaecyparis* por entre os povoamentos puros de Pinheiro bravo.

O Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) é da família das Pináceas, é uma espécie bem adaptada a solos pobres, ácidos e até mesmo em zonas de dunas. É utilizada para objectivos tais como a conservação de solos, protecção e para a produção de madeira

O Eucalipto (*Eucalyptus globulus*) é um espécie da família das Mirtáceas. Esta é uma árvore de folha persistente e que pode atingir grande porte.

O Carvalho roble (*Quercus robur*), da família das Fagaceas, é muito conhecido pela sua madeira escura, pesada, extremamente dura e resistente, sendo utilizada na construção de móveis.

O Sobreiro (*Quercus suber*), da família das Fagaceas, é uma árvore produtora de cortiça com folhas persistentes, ovadas, verde escuro e normalmente denticuladas.

O Castanheiro (*Castanea sativa*), da família das Fagaceas, possui uma copa ampla, tem porte mediano e folha caduca, é produtor de fruto (castanha) e de madeira de qualidade.

O Azevinho (*Ilex aquifolium*), espécie da família das Aquifoliaceas, é uma árvore ou arbusto perenifólio de pequenas dimensões, que pode atingir os 10 m de altura, apresentando copa cónica e estreita. As folhas são ovadas, lustrosas e coriáceas apresentando em geral, espinhas em volta da margem ondulada. Também podem ser lisas ou quase lisas, sobretudo nas árvores mais velhas. Têm Raminhos jovens verdes ou púrpuras, glabros e gemas pequenas. O fruto é vermelho, carnoso, tem quatro sementes e é venenoso. É uma espécie protegida (D.L.423/89, de 4 de Dezembro).

9.3 – A importância da Floresta

A floresta assume um papel fundamental como elemento de conservação da natureza e de manutenção do equilíbrio natural. Ao seu valor económico, deverá acrescentar-se a sua função de protecção do Ambiente e de qualificação da paisagem, bem como o seu papel crucial como espaço de recreio e lazer. É considerada como o meio mais eficaz de luta contra a erosão, em particular sobre os terrenos de grande inclinação, pelo seu carácter de permanência, a sua estrutura em andares e a natureza do coberto vegetal morto no seu solo. É este que permite evitar escorrências superficiais, funcionando como um filtro e permitindo a penetração no solo das águas das chuvas.

Por outro lado, através do húmus que fornece após a sua decomposição permite melhorar a estrutura do solo, aumenta a sua porosidade e torna-o, por consequência, mais permeável à água; isto permite a regularização do regime hídrico reduzindo as secas e evitando que as cheias sejam repentinas e superficiais. Os ecossistemas florestais constituem, ainda, habitat de muitas espécies de aves e mamíferos, distribuídas conforme o tipo de clima e vegetação. A floresta tem, também, um papel importante na orla marítima como elemento de fixação das dunas e como barreira natural de protecção das culturas contra as oscilações climáticas desfavoráveis.

A intervenção nas áreas florestais é dificultada, no nosso país, pelo parcelamento da propriedade e pelo seu regime, uma vez que as explorações são, na sua maioria de pequenas dimensões e pertencentes a proprietários privados, para os quais esta não constitui a fonte de rendimento principal. Há todo um trabalho de sensibilização para a protecção e para a associação de proprietários, criando um emparcelamento de usos, que apesar de surgir como entendimento dos organismos nacionais responsáveis, ainda tem tido uma tradução muito ténue em termos de terreno.

9.4 - Historial dos incêndios florestais no Concelho na ultima década

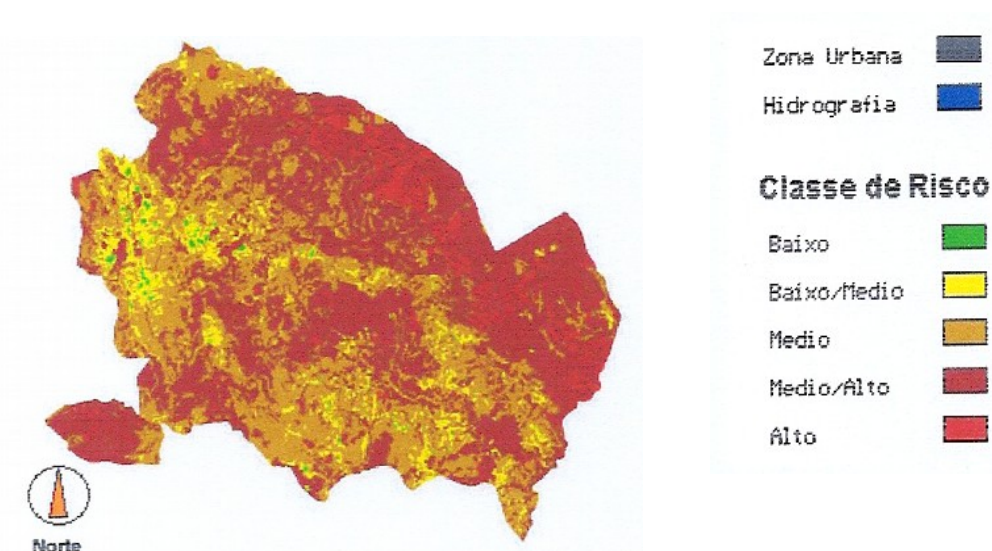
No contexto do PDM, fez-se uma análise sobre os incêndios florestais no período de 1993-2002, para o concelho de Vale de Cambra. Esta análise pretende caracterizar os incêndios florestais neste período e verificar como tem evoluído o número de incêndios e a área ardida ao longo dos últimos dez anos.

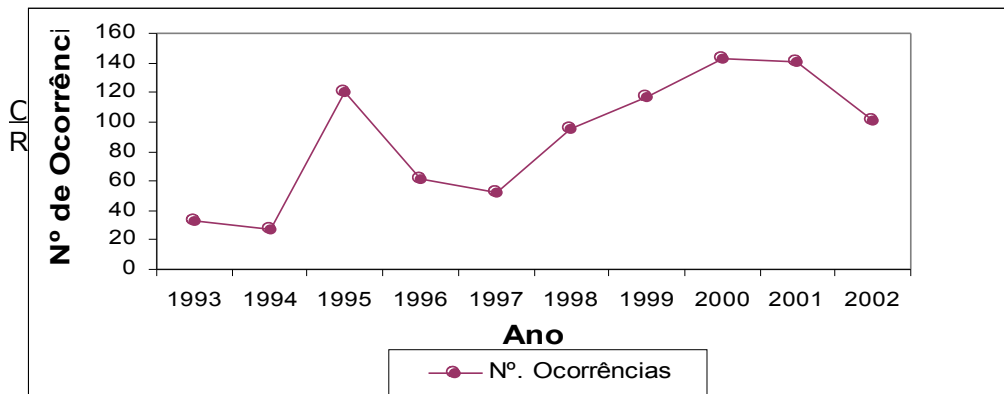
No concelho de Vale de Cambra podemos considerar que há dois níveis de risco de incêndio dominantes, o médio- elevado e o médio, de acordo com a Carta de Risco de Incêndio elaborada pelo CNIG para o concelho.

A parte Norte do concelho, a zona entre a Felgueira de Castelões e Janardo, onde existem povoamentos puros de Eucalipto, o Perímetro Florestal da Freita e também as áreas de maior altitude do centro do concelho (elevações da Lomba da Bosta/ Carrasqueira) têm um índice de risco médio- alto.

A parte central do concelho insere-se no índice de risco médio. As zonas de risco médio baixo localizam-se na parte urbana do concelho. Existem, ainda, alguns núcleos de alto risco de incêndio na Serra da Freita.

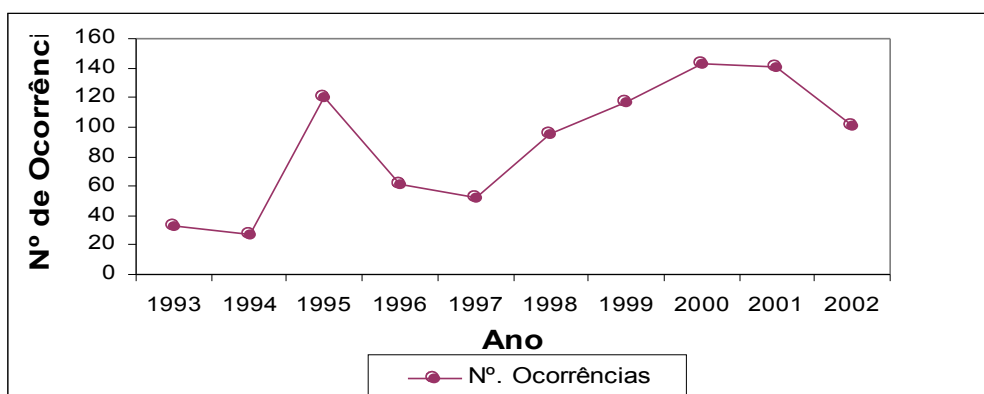
Figura n.º 1 – Carta de Risco de Incêndio para o concelho de Vale de Cambra





Para efectuar o historial dos incêndios recorreu-se a dados fornecidos pela DGF, os quais foram posteriormente objecto de tratamento pela equipa do plano.

9.4.1 – Fogos Florestais no decénio 1993-2002



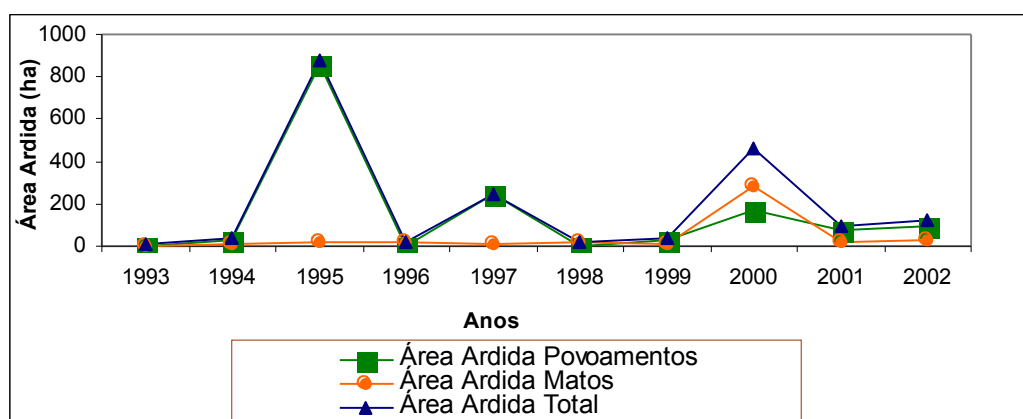
Os dados recolhidos, foram objecto de tratamento e permitem-nos caracterizar os incêndios no concelho, para o período 1993 - 2002.

Gráfico n.º 2 - Numero de ocorrências de incêndio para o período 1993-2002

Fonte: DGF, 2003

Pela análise do gráfico 2 podemos constatar que 1993 e 1994 foram anos de poucas ocorrências. Em 1995 houve uma subida abrupta do número de incêndios. Nos dois anos seguintes houve um decréscimo das ocorrências, vindo estas a aumentar progressivamente a partir de 1998 atingindo o máximo registado para este período em 2000 (143 ocorrências). A partir deste pico o número de incêndios tem diminuído ligeiramente.

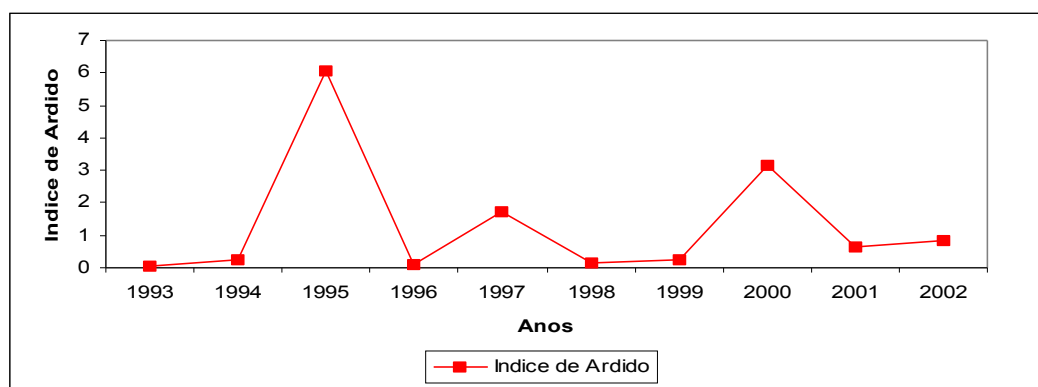
Gráfico n.º 3.– Área ardida no período 1993-2002



Fonte: DGF, 2003

Pela análise do gráfico 3 verifica-se que em todos os anos, à excepção de 2000, a área ardida total coincide com a área ardida de Povoamentos. No ano de 2000, ano com maior número de ocorrências, ardeu mais área de mato, isto porque as áreas ardidas eram reincidentes e porque estas não têm sido repovoadas. O ano de 1995, apesar de não ser o ano com maior número de ocorrências, foi aquele em que se verificou uma maior área ardida.

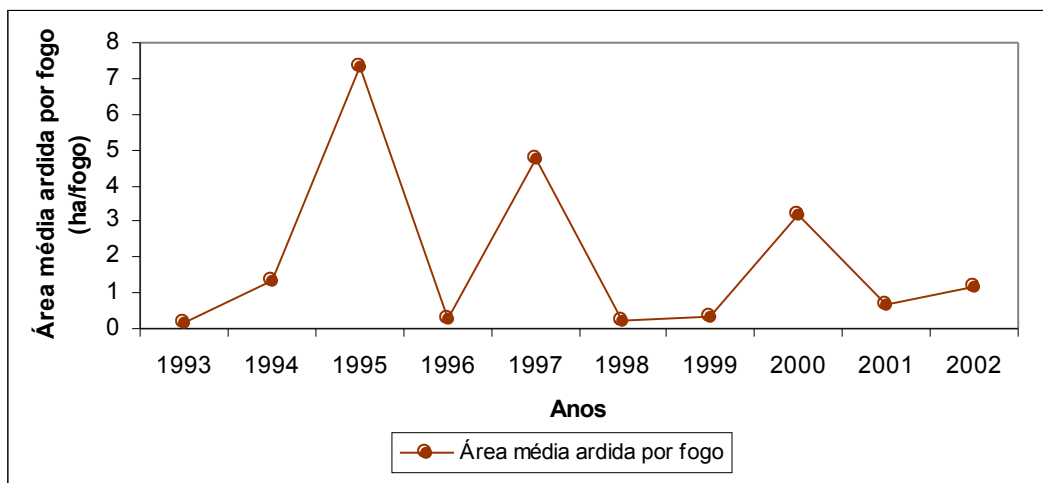
Gráfico n.º 4– Percentagem de área ardida no concelho 1993-2002



Fonte: DGF, 2003

O gráfico 4 refere-se ao Índice de ardido; este índice é calculado através do quociente entre a área ardida total e a área total do concelho. Através da análise do gráfico verificamos que no ano de 1995 o índice de ardido foi máximo, ou seja nesse ano ardeu 6% da área do concelho.

Gráfico n.º 5- Área média ardida por incêndio no concelho para o período 1993-2002



Fonte: DGF, 2003

A área média ardida por fogo é o quociente entre a área ardida total e o número de ocorrências. Também esta atinge o maior valor em 1995, ou seja, em cada incêndio ardeu uma média de 7,32 ha. Na análise do gráfico podemos ainda verificar mais dois picos, um em 1997, com uma média de 4,8 ha/fogo e outro em 2000, com 3,2 ha por fogo. No ultimo ano da nossa análise, 2002, registou-se uma área média ardida por fogo de 1,2 ha.

Quadro n.º 26– Distribuição do número de Incêndios ao longo do ano

Mês	Ano									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Janeiro	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
Fevereiro	6	0	1	1	0	10	14	2	10	4
Março	2	1	9	5	1	18	8	42	0	9
Abril	1	2	19	5	6	0	3	1	2	12
Mai	0	0	3	2	0	5	1	0	6	9
Junho	2	3	18	6	1	3	6	24	27	6
Julho	10	4	12	11	12	12	45	6	7	15
Agosto	10	5	38	13	10	42	31	45	16	35
Setembro	2	11	4	18	19	5	8	21	31	11
Outubro	0	0	16	0	3	0	0	2	0	0
Novembro	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0
Dezembro	0	0	0	0	0	0	0	0	35	0

Fonte: DGF, 2003.

Em relação à distribuição dos incêndios ao longo do ano verifica-se que Agosto é o mês, no período (1993-2002) , que regista o maior número de ocorrências. Ao compararmos ano a ano verificamos que em 1993,1995,1998,2000 e 2002

o mês com maior número de ocorrências foi o de Agosto, em 1996 e 1997 foi o mês de Setembro e em 2001 foi o mês de Dezembro que registou condições climatéricas favoráveis à ocorrência de incêndios. Verifica-se que existem incêndios fora da época normal de fogos, e isto explica-se porque as pessoas limpam os matos ou os campos, nos meses de Outono e Inverno, e depois queimam os restolhos provocando incêndios.

Quadro n.º 27- Distribuição da área ardida ao longo do ano

Mês	Ano									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Janeiro	0	0	0	0	0	0	0,1	0	0	0
Fevereiro	0,5	0	0,1	0,1	0	1,8	4	0,23	33,3	0,7
Março	1,5	0,3	132	1,5	240	3	5,2	412	0	10
Abril	0	30,4	13,8	0,9	0,7	0	10,6	0,5	7	14,7
Maio	0	0	0,3	0,1	0	0,8	1	0	13,8	1,5
Junho	0,5	0,4	51,8	1,7	0	0,5	1,2	17,2	4	30,8
Julho	0,7	1,6	3,8	7,7	1,2	1,7	11,1	5,4	0,5	2,4
Agosto	0,7	1	674	2,9	3,6	12,7	5	19,7	12,2	48,6
Setembro	1,5	2,3	0,4	2,1	2,5	0,5	0,8	4,3	17,8	9,6
Outubro	0	0	2,5	0	0,2	0	0	0,1	0	0
Novembro	0	0	0	0	0	0	0	0	2,1	0
Dezembro	0	0	0	0	0	0	0	0	5,8	0

Fonte: DGF, 2003

No que respeita à área ardida verificamos que o mês de Março e o mês de Agosto são aqueles que registam um maior valor acumulado de área ardida. Em 1997 e 2000 ardeu uma grande extensão no mês de Março, pois nestes anos este foi um mês mais quente do que é normal. Mas o maior valor de área ardida regista-se em Agosto de 1995 (673,8 ha).

Quadro n.º 28 – Distribuição do número de incêndios ao longo do dia

Hora de inicio S/H S/Hora	Ano									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

0	[00:00,01:00[2	2	3	2	2	4	3	6	2	4
1	[01:00,02:00[1	0	2	5	2	4	0	6	3	1
2	[02:00,03:00[0	0	2	5	0	4	3	4	2	0
3	[03:00,04:00[1	1	1	1	0	6	6	1	1	1
4	[04:00,05:00[1	0	2	1	0	2	4	3	5	2
5	[05:00,06:00[0	0	2	0	0	0	2	2	0	2
6	[06:00,07:00[0	1	5	2	0	1	0	2	4	1
7	[07:00,08:00[0	0	3	1	1	0	2	1	5	5
8	[08:00,09:00[1	0	4	0	3	3	1	3	5	1
9	[09:00,10:00[0	1	7	2	1	2	3	3	2	3
10	[10:00,11:00[1	1	1	2	1	4	5	4	8	3
11	[11:00,12:00[0	1	3	3	2	1	3	7	3	1
12	[12:00,13:00[1	0	5	1	2	7	7	9	10	5
13	[13:00,14:00[3	0	7	8	5	12	9	12	9	5
14	[14:00,15:00[4	3	11	2	2	9	16	9	17	12
15	[15:00,16:00[4	2	12	3	5	6	9	18	15	10
16	[16:00,17:00[4	1	11	7	3	4	8	10	9	13
17	[17:00,18:00[3	5	10	5	3	8	10	10	9	4
18	[18:00,19:00[2	3	10	4	2	5	7	10	7	6
19	[19:00,20:00[3	0	5	1	5	4	9	7	7	9
20	[20:00,21:00[0	1	1	1	2	4	2	6	6	6
21	[21:00,22:00[0	3	5	2	2	1	3	3	5	2
22	[22:00,23:00[0	0	6	0	5	3	3	5	2	5
23	[23:00,00:00[2	2	2	3	4	1	2	2	5	0

Fonte: DGF, 2003

Ao analisarmos o quadro constatamos que o período entre as 13 e as 20 horas é aquele em que se registam mais ocorrências nos últimos 10 anos.

Se analisarmos cada ano individualmente verificamos que o período das 11 às 17 horas é aquele em que se verificam mais ocorrências pois são as horas do dia em que as condições climáticas são mais propícias à ignição. Também se registam algumas ocorrências entre as 23 e as 2 horas. Estes podem ser reacendimentos ou incêndios de origem criminosa.

Os dados relativos ao dia da semana em que se registam mais ocorrências e as causas dos incêndios florestais foram solicitados à DGF mas até à data não foram recebidos.

9 – Síntese

Em Vale de Cambra as famílias agrícolas representam 16.2% do total de famílias, valor percentual que há 20 anos era de 53.5%.

A Superfície Agrícola Útil é de 11% face à superfície total do concelho e de 34.3% face à superfície total das explorações. As explorações agrícolas representam 32% da área total do concelho.

No concelho, 85.3% das explorações têm dimensão económica inferior a 4UDE, enquanto no Continente o valor correspondente é de 72.2%.

O agregado familiar representa 75% da mão-de-obra agrícola, mas trabalha a exploração maioritariamente a tempo parcial (63%), constituindo o produtor individual 24.5% dos activos da exploração.

A mão-de-obra não familiar tem muito pouca importância na exploração agrícola, representando os assalariados apenas 0.6% do total de trabalhadores na exploração.

Em Vale de Cambra, 64.7% dos produtores trabalham as suas explorações a tempo inteiro, sendo 36.4% destes mulheres; 23.0% dos produtores têm outras actividades remuneradas, trabalhando 63.8% no sector secundário e 33.9% no terciário.

Há um claro envelhecimento do produtor individual. Cerca de 60% dos produtores têm mais de 55 anos e 34.1% têm mais de 65 anos. Esta situação é idêntica à observada no EDV e no Continente.

A grande maioria dos produtores do concelho (62.1%) tem como habilitações literárias o 1º ciclo do ensino básico, verificando-se a quase ausência de produtores com formação superior agrícola.

Da mão-de-obra familiar que trabalha a exploração, 31.1% tem outras actividades remuneradas, sendo esta a principal em 99.1% dos casos, dominando o sector secundário como sector empregador de 66.7% dos activos e o terciário de 31.3%.

Apesar da família agrícola se apresentar mais qualificada, o que tem a ver também com os elementos mais jovens, que já possuem a escolaridade obrigatória, não há qualquer especialização quer ao nível do secundário, quer ao nível do politécnico superior, havendo ainda 15.8% dos elementos da família que não sabem ler nem escrever.

A mão-de-obra feminina representa 50.2% da mão-de-obra total. Desta, 54.9% trabalha na exploração a tempo completo e 46.4% a tempo parcial. Porém, dos elementos femininos que trabalham a tempo parcial a exploração, 80.7% dedica entre 75% a 100% do seu tempo à exploração agrícola.

A análise das principais culturas permanentes no concelho revela a importância da vinha presente em 99.7% das explorações e ocupando 93.5% da área. O concelho insere-se na Região Demarcada dos Vinhos Verdes.

Quanto ao efectivo animal dominam as aves e os bovinos.

A grande maioria das explorações do concelho apesar de não possuírem tractor, utilizam-no através de aluguer ou de outra forma (93.7%).

Não há qualquer exploração no concelho que pratique agricultura biológica.

Verifica-se que o recurso a subsídios no concelho tem a ver com a criação de gado e sua alimentação.

Em Vale de Cambra há 1174 explorações com matas e florestas sem culturas sob coberto representando 87% do total e 62.9% (2941 ha) de área.

Elaborada a carta do coberto florestal verifica-se que os povoamentos de pinheiro bravo são os que apresentam maior área, seguidos dos povoamentos mistos de eucalipto e pinheiro bravo. Em termos de folhosas encontra-se no concelho o castanheiro e o sobreiro, sendo o carvalho roble o mais significativo. No lugar de Folhense é possível identificar azevinho espontâneo.

No concelho há dois níveis de risco de incêndio florestal dominantes, o médio-elevado e o médio, de acordo com a carta de risco de incêndio elaborada pelo CNIG.

A parte Norte do concelho, a zona entre a Felgueira de Castelões e Janardo, onde existem povoamentos puros de eucalipto, o perímetro florestal da serra da Freita e também as áreas de maior altitude do centro do concelho (elevações da Lomba da Bosta/Carrasqueira) tem um índice de risco médio-alto. A parte central do concelho insere-se no índice de risco médio. As zonas de risco médio-baixo localizam-se na parte urbana do concelho. Existem, ainda, alguns núcleos de alto risco de incêndio na serra da Freita.

Quanto à área ardida no concelho nos últimos 10 anos verifica-se que 1995 foi um ano de pico de área ardida, registando-se outros (não tão elevados) em 1997 e 2000.

Verifica-se que o mês de Março e o mês de Agosto são aqueles que registam um maior valor acumulado de área ardida, sendo o período das 11h às 17horas aquele em que se verificam mais ocorrências, pois são as horas do dia em que as condições climatéricas são as mais propícias à ignição.

Índice

1. A Importância da Agricultura no concelho de Vale de Cambra.....	5
1.1. População Agrícola.....	5
1.2. A Importância da Área Agrícola.....	5
1.3. Dimensão Económica das Explorações.....	6
2. Estrutura da Força de Trabalho.....	7
3. O Produtor Individual.....	8
3.1 – Estrutura Etária do Produtor Individual.....	10
3.2 - Nível de Instrução dos Produtores Individuais.....	12
4 - O Agregado Familiar.....	13
4.1 – Tempo de Actividade na Exploração.....	13
4.2 - Nível de Instrução da População Familiar.....	15
4.3 - Mão-de-obra feminina.....	16
4.4 - Trabalhadores Permanentes.....	17
5 - Utilização das Terras.....	17
5.1 - Principais Culturas Permanentes.....	18
5.2 – Efectivo Animal.....	20
6 - Mecanização Agrícola.....	21
7 – Práticas Agrícolas.....	21
8 - Financiamento.....	22
9 - O sub-sector florestal.....	23
9.1 – Caracterização.....	23
9.2 - Principais espécies florestais e sua breve caracterização.....	25
9.3 – A importância da Floresta.....	26
9.4 - Historial dos incêndios florestais no Concelho na última década.....	27
9.4.1 – Fogos Florestais no decénio 1993-2002.....	29
9 – Síntese.....	34

Índice de Quadros

Índice de Gráficos